



A Paideia em Platão: o Político

Autor(es): Soares, Carmen

Publicado por: Imprensa da Universidade de Coimbra

URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/38823>

DOI: DOI:http://dx.doi.org/10.14195/978-989-26-1177-8_2

Accessed : 26-Dec-2016 19:28:30

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.



Redes Culturais nos Primórdios da Europa

2400 Anos da Fundação da
Academia de Platão

Carmen Soares, Francesc Casadesús
Bordoy & Maria do Céu Fialho
(coords.)

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

ANNABLUME

A PAIDEIA EM PLATÃO: O *POLÍTICO* (Plato's paideia in *The Statesman*)

CARMEN SOARES (cilsoares@gmail.com)
Universidade de Coimbra

RESUMO – Neste estudo aborda-se o fundamento pedagógico do diálogo *O Político*. A reflexão centra-se em dois vectores de análise complementares: a relação mestre-discípulo e o método dialéctico. A presente abordagem permite aferir que, tal como hoje, a aprendizagem exigem um elevado esforço de trabalho ao estudante/aprendiz.

PALAVRAS-CHAVE: Político, *paideia*, mestre, discípulo, dialéctica

ABSTRACT – The goal of this study is to analyze the pedagogical content of Plato's *Statesman*. We will consider two complementary themes: the relationship between teacher and pupil and dialectic methods. The main conclusion of our paper confirms that learning is a very hard and painful task.

KEYWORDS: Statesman, *paideia*, teacher, disciple, dialectics

Na presente abordagem ao texto sempre interpelativo d'*O Político* de Platão, o que me proponho levar a cabo é considerar em que medida o diálogo em questão encerra propósitos (logo leituras) pedagógicos. Não obstante o diálogo ser geralmente lido mais como uma exposição magistral e não como uma verdadeira discussão, entendo que, ainda que pouco abundantes, as expressões de uma posição pessoal e algum juízo crítico da parte de Sócrates, o Moço, nos permitem retirar-lhe o estigma de mero artifício retórico, ao serviço da “lição” de dialéctica que o mestre, o Estrangeiro de Eleia, está a dar.

Esta abordagem da intervenção dos discípulos (por mais ténue ou secundária que possa ser) na construção de qualquer magistério é um tema particularmente fascinante, uma vez que desvela, uma vez mais, a utilidade intemporal de analisar os Clássicos, que, por isso mesmo, comprovam ser verdadeiros clássicos. Ou seja, permitem reflexões pertinentes também no tempo em que nos situamos.

A leitura que faço do tema autoriza a identificação de dois vectores principais de análise: por um lado, a relação tutorial entre as personagens dos mestres (o Estrangeiro de Eleia, Teodoro e Sócrates) e dos jovens aprendizes de filosofia (Sócrates, O Moço, e o sempre mudo Teeteto); pelo outro, as exigências do método dialéctico (que leva ao conhecimento filosófico), a que são sujeitos os alunos. Apesar de considerar cada um destes itens separadamente, a verdade é que os assuntos se relacionam entre si e que assumi esta estratégia de análise para, seguindo o conselho do mestre eleata ao seu discípulo, tornar ‘mais clara’ (σφαφέστερον, 262 c 3)¹ a argumentação.

¹ Edição grega usada: Duke et alii 1995. Tradução portuguesa usada: Soares 2008.

A RELAÇÃO TUTORIAL ENTRE AS PERSONAGENS DO DIÁLOGO

Na base da distinção entre mestre e aprendiz está, antes de mais, a idade². Ao adulto compete a função de ensinar, ao jovem a de aprender. Embora elementar, esta identificação entre adulto e professor, por um lado, e jovem e aluno, por outro, ressalta do próprio texto. Platão faz referências directas à juventude de Sócrates, o Moço, e de Teeteto, interlocutores das personagens adultas, quando lhes atribuiu o adjetivo *véος* (257 c 10) e o substantivo *παῖς* (280 e 7)³. Aliás, o Estrangeiro esclarece que (268 e 5) espera que os dois jovens (*παῖδες*) que o ouvem tenham um interesse especial pelo mito da inversão do cosmos que vai contar, porque, sendo uma narrativa atractiva, se adapta a indivíduos que, não há muitos anos, deixaram para trás os ‘passatemplos’ (*παιδία*) dessa infância/mocidade.

Talvez tão ou mais significativa do que essas alusões à imaturidade expectável de quem ainda esteja na categoria de *pais*, seja a identificação, também expectável, de que os jovens, no geral, possam ainda não ter muito aperfeiçoado o juízo crítico. Daí que, por mais de uma vez, o Estrangeiro remeta para a identificação da forma de pensar do Sócrates aprendiz com a do vulgo. Depreende-se, pois, que é por não possuir ainda o conhecimento filosófico que Sócrates pode ser comparado com as ‘massas’ (*plethos*)⁴.

Por contraste com a juventude, o período da velhice é aquele em que o homem atinge o auge do saber. Esta noção é explicitamente referida no texto, no momento em que o Estrangeiro adverte Sócrates, o Moço, para o facto de, à medida que for envelhecendo, o seu conhecimento ir aumentando (261 e 6-7).

Mas, mais do que estas considerações gerais, é possível detectar no retrato que Platão faz da sua jovem personagem os mais comuns traços de carácter e comportamentos típicos de indivíduos que ainda não atingiram a maturidade. Refiro-me a: impaciência, audácia, precipitação e ambição desmedida, os marcadores da identidade juvenil mais evidentes, como passarei a explicar⁵.

² Sobre a divisão do ciclo da vida humana em diferentes etapas ou estágios, vd.: Golden (1990) 12-22, Eyben (1996) 80-82, Harlow-Laurence (2002) 15-17, Rawson (2003) 134-145, Arnett (2004) e Soares (2011: 13-26).

³ O termo *παῖς*, genericamente usa-se para designar ‘aquele que ainda não é um *aner*’ (varão adulto), ou seja, aquele que ainda se encontra na infância ou juventude. Na sua concepção mais simples, a vida de um homem divide-se em três períodos: aquele em que se é *pais*, o de *aner* e o do *geron* (‘ancião’).

⁴ Cf. 304c 10-d2, passo em que o gosto por ‘histórias’ (*mythologíai*) é apresentado como típico da multidão, ou seja de um conjunto de pessoas que não se deixa persuadir pelo ‘ensino’ (uso do substantivo *didache*). Já antes, se registara uma alusão mais discreta a esse paralelismo, quando, perante a relutância do jovem Sócrates em aceitar a legitimidade de o ‘regime perfeito’ (*orthē politeia*) dispensar um corpo legislativo, o Estrangeiro comentar precisamente que essa interpretação é considerada um erro comum, ou seja uma ideia partilhada pela ‘maioria’ (*para ton pollon*), que reconhece a qualquer sujeito o direito de legislar, desde que obtenha o consentimento da sua cidade (296 a).

⁵ Cf. Miller 2004: 5-8; Monserrat Molas 1999: 27-29.

Logo no início da diérese das *epistemai*, processo essencial para se alcançar a definição da ciência política, o aluno dá mostras de alguma ousadia intelectual, pois atreve-se a propor, à cabeça, a divisão da ‘ciência da criação em rebanhos’ em ‘criação em rebanho de seres humanos’ e ‘criação em rebanho de animais’. A adjectivação que o Estrangeiro aplica a essa divisão (262 a 5-6) – que simultaneamente qualifica de muito ‘entusiasta’ (*prothymotata*)⁶ e ‘corajosa’ (*andreiotata*) – indicia que estamos perante um jovem-tipo, alguém que encarna determinados traços característicos da gente da sua faixa etária em geral.

Qual mestre intemporal, que sabe que não há melhor pedagogia do que usar da *captatio benevolentiae* com os alunos, o Estrangeiro começa por sublinhar algumas das virtudes que aqueles já possuem, para de seguida confrontá-los com aspectos que necessitam de ser melhorados. Esse estímulo inicial é a base do sucesso para que uma crítica/reparo seja aceite pelo educando. Daí que o mestre, de alguma forma, procure justificar a aparente divisão impulsiva das *epistemai* proposta pelo seu aprendiz. É essa interpretação que atribuo ao facto de o mestre esclarecer (262 d) que o jovem se limitou a aplicar o princípio que ‘a maioria’ (*oi poloi*) usa, quando divide a raça humana em duas, tomando os Gregos como um *genos* ou *eidos* e todas as restantes raças como outro (genericamente denominada de ‘bárbaros’). Ou seja, aqui temos mais uma vez a ideia de que um aluno com falta de conhecimentos de filosofia é comparável, no saber que possui, às massas (apenas detentoras de conhecimentos genéricos).

A pressa em alcançar determinado objectivo é outro traço de carácter bem vincado e recorrente da caracterização de Sócrates, o Moço. Consideremos os passos mais ilustrativos dessa impaciência própria dos jovens. Tal como sucede com os aspectos anteriores, o Estrangeiro não se limita a denunciá-la, mas ensina a combatê-la. A primeira alusão ao assunto ocorre ainda no âmbito do passo da divisão das formas de saber. O mestre recomenda ao aluno (264 a 8-b 5) que não se apressem⁷ em chegar ‘rapidamente’ (*θαχύ*) à definição da *politike episteme*, validando o seu conselho quer através da autoridade tradicional das máximas quer do saber filosófico. O aforismo sentença que, se se tiver pressa, o destino alcança-se ‘mais lentamente’ (*βραδύτερον*), equivalente ao provérbio português

⁶ Em 263c 5 reaparece-nos a tónica na inteligência do jovem.

⁷ Note-se que o mestre usa o plural para que, quer ele quer o aprendiz, não dividam como até aí fizeram. Ou seja, a meu ver, essa primeira pessoa do plural é aqui usada como estratégia retórica, com a finalidade de transmitir ao aluno um sentimento de confiança. É prática ainda hoje corrente, um professor, quando quer estimular o discente a seguir uma determinada via de raciocínio/argumentação, preferir fazer essa “sugestão” no plural, inclusivo, em vez de um singular (na segunda pessoa), que isola o aprendiz e o deixa, por conseguinte, mais desacompanhado no caminho da descoberta. Aliás, que esse plural não passa de uma estratégia a ter efeito pedagógico sobre o ‘tu’ (que é o jovem Sócrates) percebemo-lo quando, três falas abaixo, o Estrangeiro esclarece que *provavelmente a tese que tu agora defendes com vigor* (*su prothymeis*), *a própria argumentação, chegada ao seu termo, revelar-te-á* (*soi...menyseis*) *qual é a mais correcta*.

“Quanto mais depressa, mais devagar”. Mas há também razões científicas, próprias do filosofar, para não se apressar, e essas derivam de saber distinguir dois tipos de metríctica ou ‘ciências da medida’ (cf. 283 d).

A necessidade de definir estas ciências foi motivada por uma característica da investigação dialéctica, as ‘digressões’ (ἐκτροπαί, cf. 267 a 2), i. e. as derivações em relação ao tema central. Aliás, ao realizarem esses aparentes desvios ao propósito da sua ‘pesquisa’, ou seja definir o *politikos* e a *politike episteme*, as personagens estão simplesmente a respeitar o método pedagógico da filosofia⁸. De facto, depois das longas discussões sobre as divisões das ciências e das espécies de animais (258 d-267 c), do mito cosmológico (268 e-274 e) e do paradigma da tecelagem (279 a7-283 a), o tutor insiste precisamente em que o diálogo serve para ensinar aos jovens e a todos os que se exercitam no método (inclusive os mestres) como *tornarem-se melhores dialécticos em qualquer matéria* (285 d 6-7) e *mais aptos a descobrir a demonstração por palavras das coisas que são* (287 a 3-4).

Ou seja, no fundo, a definição do político contitui um exercício prático para os alunos treinarem o método filosófico que é a dialéctica.

Repare-se, ainda, que as técnicas discursivas da divisão e do paradigma só aparentemente podem ser consideradas ‘digressões em círculo’ (τὰς ἐν κύκλῳ περιόδους, 286 e 5-6) desnecessárias. Na verdade ambos são métodos pedagógicos de treinar as competências de análise que permitirão ao aprendiz de filósofo/dialéctico, partindo de demonstrações mais simples (os chamados τὰ ἐλάττω, cf. 286 a 8), explicar matérias ‘de maior importância, as mais válidas e belas’ (μέγιστα, τιμιώτατα, κάλλιστα, cf. 285 e 4-286 a 6).

Mas retomemos o assunto que temos em mãos, a impaciência do jovem aluno. Que o mestre parece estar consciente deste traço de carácter do seu aprendiz, deduzimo-lo quando afirma que algumas das discussões mais longas lhe causaram algum ‘desagrado’ (δυσχυρεία), precisamente devido à sua ‘grande extensão narrativa’ (μακρολογία, cf. 286 b 6). Na verdade, o tamanho grande do discurso só pode ser considerado ‘supérfluo’ (περίεργον, cf. 286 c 1) por quem desconhecer a metríctica, essa arte da justa medida – que não resulta da extensão, mas da ‘propriedade/conveniência’ (τὸ εἶκος)⁹.

Outra atitude reveladora da pressa e impaciência de Sócrates, o Moço, em atingir resultados ressalta do facto de se dar várias vezes por satisfeito com o ponto a que ele e o professor chegaram na sua investigação. Parece que o jovem tem pressa em chegar ao fim, em dar por completo o retrato do político. Disso nos apercebemos quando o Estrangeiro alerta para o perigo de “se cometer de

⁸ Disso nos dá conta, entre outros, Brisson-Pradeau (2003: 13), ao classificar o diálogo nos seguintes termos: *un véritable traité méthodologique, un “art de philosopher”*.

⁹ Sobre os dois tipos de metríctica, vd. France 1995 e Monserrat Molas 2003.

novo um grande erro” (συχνὸν αὖ διημαρτάνετο, 276 c 5), que seria darem-se por satisfeitos em identificar ‘a arte de cuidar dos rebanhos de bípedes’ com a ‘arte do político’. Contudo o jovem interlocutor não consegue evitar semelhante erro e, logo de seguida (277 a 1-2), aceita como satisfatória a divisão da arte humana de cuidar em tirânica e régia.

Não deverá, no entanto, ser apenas a tendência própria da idade para atingir o mais depressa possível um objectivo o único factor a explicar o comportamento de Sócrates, o Moço. Também a sua falta de conhecimentos contribui para, levemente, dar por concluída uma tarefa que ainda está longe de estar terminada. O papel do mestre é mostrar-lhe isso mesmo, que, ao contrário do que julga, não atingiram o seu objectivo (277 a 5-6). Vários são os passos do diálogo em que se alude à incapacidade do jovem para compreender o que diz o mestre. Atentemos, de seguida, nessas partes do texto.

Impõe-se proceder a um esclarecimento prévio: para além da falta de maturidade intelectual decorrente da idade, a própria complexidade do conhecimento filosófico está na base das dificuldades da personagem em acompanhar o *logos* dialéctico. A propósito da aplicação do método de investigação da diérese, o Estrangeiro informa que, para o aprendiz, não é fácil proceder a ‘cortes finos’, i.e., a uma análise minuciosa (262 b-c). Subentende-se que aquele ainda não possui conhecimentos suficientes para ir além da divisão em duas partes. Aliás, ao logo da conversa, vai mesmo dando a entender que sabe que o jovem interlocutor não consegue, por vezes, acompanhar o seu raciocínio. Deu-se conta disso a propósito da necessidade de separar a *techne* da tecelagem de muitas outras com ela relacionadas (280 b 6).

Mas o aprendiz de dialéctico não revela sobranceira intelectual, o mesmo é dizer que demonstra ter consciência das suas limitações cognitivas. É o que deduzimos da forma como se recusa a decidir em qual das duas Eras (a de Cronos ou a de Zeus) a vida das pessoas era mais afortunada. Seguindo a sugestão do mestre, delega nele a escolha (272 b 1-7). A mesma humildade científica subjaz à observação feita antes de o mestre iniciar a apresentação dos paradigmas, passo em que lhe pede “explica, e não recues *por minha causa*” (ἔμοῦ γε ἔνεκα, 277 e 1). Em outros dois momentos do diálogo, deparamos com afirmações directas e inequívocas da falta de conhecimento que Sócrates, o Moço, reconhece ter. A personagem recorre em ambos os passos ao emprego do verbo *μανθάνω*. Ora esclarece, a propósito da distinção entre constituições rectas (i.e.perfeitas) e constituições-imitação: ‘não compreendi’ (οὐκ...κατέμαθον, 297 c 5-6); ora afirma, sobre a aplicação do paradigma da tecelagem à política: ‘não estou a perceber’ (οὐκ...ἐμάθον, 306 a 11).

Se aliarmos essa forte consciência do jovem da necessidade de aprender à vontade que já vimos que tem em alcançar depressa os seus propósitos, mais facilmente percebemos que um outro traço do seu carácter seja o que comecei por chamar de ambição desmedida, e que agora passo a explicar melhor a que me

refiro. Trata-se de ter a veleidade de poder abarcar a totalidade do conhecimento. Dessa imoderação, ou falta de *sophrosyne*, dá mostras a jovem personagem em vários momentos d' *O Político*. Quando confrontado, a propósito da metrética, com a existência de duas vias de pesquisa diferentes para alcançar a divisão da 'ciência de criar animais pedestres', o aprendiz atreve-se a perguntar se é impossível seguir ambas (265 a 7). O mestre, voz do bom senso e da moderação, responde que não podem ser seguidas as duas vias em simultâneo (como lhe parecia sugerir a pergunta do aluno), mas sim uma de cada vez (265 a 8-9). Essa mesma avidez de conhecimento explica, em meu entender, o pedido que o aluno faz ao mestre, no início da narração do mítico cosmológico, para que conte tudo 'sem deixar escapar nenhum pormenor' (269 c 3).

A par de todas estas qualidades mais impulsivas (que nos fazem aproximar Sócrates, o Moço, do que, para o final do texto, o Estrangeiro há-de designar de 'caracteres impulsivos', ἀνδρεῖον ἦθος, e. g. 310 e 9), o jovem revela-se um aluno dócil e inteligente. Na verdade tanto o aprendiz como o mestre estão conscientes das funções que lhes cabem, ao primeiro 'seguir', ao segundo 'conduzir'. O mestre anima o jovem a 'seguir-lo de perto' (ἐπακολουθῶν, 261 a 7) na divisão em dois da 'ciência directiva'. Aliás, é de bom grado que este aceita ser conduzido pelo mestre na árdua caminhada que é a investigação filosófica, como sucede ao concordar com duas sugestão que aquele lhe faz. Em relação à existência de duas vias para aceder ao saber que buscam, primeiro acata a sugestão de enveredar por uma de cada vez (265 b 1), depois concorda em que comecem por 'seguir' (ἴωμεν) a mais longa (265 b 2-6). Neste consentimento fácil em se deixar orientar podemos ver já um indício da inteligência do jovem, que, reconhecendo a necessidade de aprender com quem sabe muito mais do que ele, segue-lhe os conselhos. Passo, agora, a levantar do texto outras evidências dos seus méritos de bom aluno.

Os elogios do mestre à forma inteligente como vai lidando com a pesquisa sucedem-se uns aos outros. No âmbito da divisão das ciências de criar seres vivos, o Estrangeiro demonstra a Sócrates que uma investigação não deve partir da atribuição de nomes, mas sim que é a argumentação (*logos*) que vai, no seu termo, permitir descobrir as designações correctas¹⁰. O dialéctico deve aplicar-se na pesquisa¹¹ e não nos nomes¹² que damos às coisas, pois não há uma correspondência necessária entre a estrutura da realidade e a linguagem (ὀνομασία, cf. 275 d 6) que usamos para nos referirmos àquela¹³. Uma vez que, desde o primeiro momento em que a questão se colocou, o aluno revelou perceber o ponto de vista do mestre, este não hesita em cumprimentá-lo: 'muito bem, Sócrates' (καλῶς: 261 e 5).

¹⁰ Cf. διαπεραινόμενος ὁ λόγος αὐτός, 264 b 9.

¹¹ Cf. o uso repetido do verbo ζητέομαι na fala 261 e 5-262 a 2.

¹² Cf. ἐπὶ τοῖς ὀνόμασιν, 261 e 6; ἐπονομάζειν...ὄνομα, 263 d 1.

¹³ Cf. Rowe 1994: 181, *com. ad* 261 e 5-6.

Também, antes de iniciar a apresentação dos paradigmas, o Estrangeiro esclarece que a palavra e o discurso (não a pintura ou outro qualquer trabalho manual) são os métodos que mais convêm à apresentação de qualquer ser vivo (277 c). No entanto, ao que se depreende, nem toda a gente está intelectualmente apta a acompanhar esse método. Desse grupo dos menos dotados não faz parte o jovem aprendiz, pois recebe, neste contexto, mais um elogio velado do professor, quando ele esclarece: “é minha obrigação falar, uma vez que *estás preparado* (σύ γε ἔτοιμος) para me acompanhar” (277 e 2)¹⁴.

Confirmando que merece os elogios do tutor, o jovem demonstra iniciativa intelectual, isto é, não se limita a responder às perguntas que aquele lhe coloca, mas sabe formular também questões inteligentes. Tomemos em consideração dois dos exemplos que julgo mais expressivos desse aspecto. Depois de demonstrado que o nome ‘bárbaro’ não corresponde a uma classe, o aluno motiva o seguimento do diálogo, através da sua pergunta sobre como decidir em que circunstâncias é que ‘espécie’ (γένος) e ‘parte’ (μέρος) não são a mesma coisa (263 a 2-4). Mais adiante, no decurso da narração do mito cosmológico, não se limita a colocar uma questão (para a qual espera a resposta do mestre), mas apresenta uma explicação pessoal para outro assunto com ela relacionado (271 c 3-d 3). Ou seja, ao mesmo tempo que pergunta se a geração espontânea da humanidade (i. e., dos homens nascidos da terra) existiu no tempo de Cronos ou no presente, adianta não ter dúvidas (cf. o uso da expressão δῆλον ὡς, 271 c 6) de que a rotação do universo no sentido inverso teve lugar em ambas as Eras. Uma vez mais, o mestre de Eleia distingue-o com um rasgado cumprimento à sua inteligência, saudando-o, novamente, com o advérbio καλῶς (“tens acompanhado *muito bem* a evolução do meu discurso”, 271 c 8).

Outro aspecto revelador da inteligência de um indivíduo reside na capacidade do mesmo em reconhecer o contributo que as explicações de alguém mais sábio trazem ao seu crescimento intelectual. Recuando um pouco no texto, voltemos ao termo da longa divisão dos seres vivos, diérese que permitiu estabelecer que o político tem a seu cargo a ‘arte da criação de homens’. Nessa ocasião coube ao discípulo agradecer a interessante ‘digressão’ (ἐκτροπή, 267 a 2) que o seu *logos* produziu. Deste modo reconhece, implicitamente, o elevado interesse da mesma para a aprendizagem do método de investigação filosófica.

Voltamos a encontra o mesmo reconhecimento da utilidade das explicações do mestre no termo da explicação do paradigma da tecelagem. O comentário do jovem (283 b 4-5) é particularmente revelador do que poderemos chamar de autonomia intelectual. Na verdade o aprendiz revela a capacidade de formular

¹⁴ Este é mais um passo do texto em que se evidencia que ao aluno compete ‘seguir’ (ἀκολουθεῖν) o mestre.

juízos próprios, pois, quando o mestre lhe pergunta, em tom provocatório (283 b 1-3):

“Pois bem, então porque não respondemos de imediato que a tecelagem era uma técnica de entrelaçar a trama e a teia, mas – graças a uma caterva de divisões inúteis- contornámos a questão?”

O jovem, reconhecido, responde:

“Na minha perspectiva (οἴκουν ἔμοιγε...ἔδοξε), Estrangeiro, nada do que foi dito me parece ter sido dito em vão” (283 b 4-5).

A forma mais clara de um aluno evidenciar a sua inteligência é pôr em prática os ensinamentos do professor. Disso se dá conta o leitor d' *O Político* quando vê Sócrates, o Moço, aplicar correctamente um *paradeigma*. Para demonstrar quão raros serão os indivíduos a possuir a *politike episteme* e a merecer, por isso, o título de políticos, recorre ao exemplo, bem conhecido na época, de um jogo de tabuleiro, a *petteia*. Tal como entre mil indivíduos não haverá muitos jogadores exímios de *petteia*, também será muito difícil encontrar indivíduos que possuam a ciência do rei/político (292 e 6-293 a 1).

CARACTERIZAÇÃO DO MÉTODO DIALÉCTICO

Da análise feita ao relacionamento discípulo-aluno fomos já percebendo que a aprendizagem do método dialéctico é um processo bastante exigente. Não pretendo escarpelizar todas as vertentes desse método científico, mas evidenciar os aspectos que revelam que a investigação filosófica é difícil e penosa. Que o Estrangeiro tem consciência de que a argumentação dialéctica é complexa e levanta dificuldades a quem está a aprendê-la é uma ideia bem enfatizada no início e final do diálogo. A propósito do método da divisão, ele insiste que tem de produzir um *logos* ‘o mais claro’ possível (cf. σαφέστερον, 262 c 3; σαφηνείας, 262 c 6-7), pois só assim o aluno poderá acompanhar o seu raciocínio.

Explicar o porquê da incorrecção de considerar útil a metáfora do pastor para definir o rei é uma tarefa que, pela sua complexidade, exige do professor esse mesmo esforço de produzir um *logos* ‘o mais claro’ possível (μᾶλλον δηλώσαι, 267 d 5). Quase no termo da obra, percebemos que a complexidade da dialéctica não é apenas sentida pelos alunos, mas também pelo professor. Quando o mestre pretende explicar ao aluno que, ao contrário da tese corrente (εἰωθότα λόγον, 306 b 13), duas partes da mesma virtude diferem uma da outra por natureza (308 b 6-8), a dificuldade de tal tarefa leva-o a levantar dúvidas quanto à sua capacidade de exprimir ‘por palavras’ (διὰ λόγων) o que tem no pensamento (διανοοῦμαι, 306 d 10-11).

Também o apelo à concentração do discípulo é uma evidência do elevado esforço intelectual da investigação filosófica. Num estilo de escrita quase formulaico, essa ideia vem duas vezes expressa no texto em frases praticamente iguais¹⁵.

Além destas formas indirectas de enfatizar a dificuldade inerente à apreensão do saber dialéctico, deparamos no diálogo com a afirmação clara dessa mesma ideia, através do emprego do adjectivo χαλεπόν. O autor usa-o repetidamente com esse sentido:

- primeiro para caracterizar a tarefa de separar a *ciência/arte principal* (à letra, ‘aquela que é a causa/origem de alguma coisa’, daí chamar-se τέχνη αἴτια, cf. 281 e 1-5; que é a *politike episteme/tekhne*), das *ciências/artes auxiliares* (à letra, ‘aquelas que colaboram com/ajudam a causar’, daí o nome τέχναι συναίτια, 287 d 7-8);

- de seguida qualifica de παγγάλεπον (291 c 5) a distinção a estabelecer entre os sofistas e os verdadeiros políticos;

- por comparação com o exercício de distinção anterior, diz ser χαλεπώτερον (303 d 4) individualizar o saber do político daqueles saberes que lhe são mais próximos (a arte militar, a arte jurídica e a retórica, cf. 303 e 10-304 a 2);

- já quase no final do diálogo, o Estrangeiro usa uma última vez χαλεπόν, a propósito da aplicação do paradigma da tecelagem à *politike episteme* (306 a 5).

O próprio método dialógico, de pergunta-resposta, vem reconhecido implicitamente como uma tarefa esgotante. De facto, logo na abertura do diálogo os dois tutores concordam em submeter os aprendizes alternadamente a semelhante pedagogia (257 c 8-11). A própria escolha do substantivo *ponos* para identificar o exercício a que serão submetidos é a confirmação mais inequívoca de que a *paideia* filosófica implica um notável esforço intelectual.

Não se pense, no entanto, que a esta divisão de competências (docentes *versus* discentes) corresponde uma concepção estática do saber. Na verdade a formação do conhecimento dialéctico é uma tarefa partilhada entre professor e aluno; daí que o Estrangeiro recuse caber-lhe exclusivamente a si a tarefa de explicar que todos os saberes são de dois tipos (práticos e teóricos), pelo que chama a atenção do aluno para o facto de esse trabalho (ἔργον) também lhe competir a ele (αὐτὸ εἶναι καὶ σόν, 258 d 1).

Em suma, o conhecimento dialéctico constrói-se através do diálogo entre professor e aluno. É, pois, um saber que, como já fomos anunciando no item anterior deste nosso estudo, consiste numa caminhada a dois. Não se trata, no entanto, de um percurso único e feito num só sentido. Há várias vias, que são seguidas até ao ponto de esgotarem o seu contributo para a investigação em curso ou que, apesar de interessantes e enriquecedoras do ponto de vista metodológico, devem ser abandonadas, para não se cair numa dispersão que inviabilize alcançar o objectivo definido.

¹⁵ Compare-se 259 d 10 (πρόσεχε δὴ τὸν νοῦν) com 268 e 4 (πάνυ πρόσεχε τὸν νοῦν).

Assim, o mito foi introduzido no diálogo precisamente sob a designação de ‘outra via’ (καθ’ ἑτέραν ὁδόν , 268 d 5), ou seja, uma alternativa para explicar a incorrecção de considerar o político do tempo presente um pastor de homens. Quanto às linhas de investigação paralelas, o texto demonstra que, em relação à pertinência delas na argumentação filosófica, há duas opiniões complementares. Tanto se reconhece que, apesar de ‘acessórias’ (πάρεργον, 302 b 8), são úteis ao desenvolvimento da argumentação, como se defende a necessidade de suspendê-las. É isto mesmo que sugere, na primeira parte do diálogo, o Estrangeiro, a propósito da divisão dos seres em classes. De facto, embora reconheça a inevitabilidade das digressões, alerta o aluno para a necessidade de abandonar vias paralelas de investigação. Estas deverão ser retomadas apenas quando for ‘oportuno’ (veja-se, em 263 a 8, o uso do adjetivo εἰκός). Este princípio metodológico encerra, como se deduz, um valioso conselho pedagógico: a necessidade de atingir o objectivo estabelecido para a investigação em curso.

Quanto à pluralidade de vias de investigação, ela não decorre unicamente dessa diversidade de temas que a busca de um desígnio principal desperta. Outra condicionante responsável pelo abandono de um caminho de investigação previamente encetado é o ‘erro’. A primeira ocorrência do verbo ἀμαρτάνω dá-se ainda no âmbito da divisão dos seres vivos (cf. ἡμαρτάνετο, 263 e 7) e consistiu em considerar uma classe única todos os animais (à excepção dos seres humanos, que formariam uma classe distinta daquela). Foi esse raciocínio precipitado do jovem aprendiz que levou ao erro. A única forma de corrigir a situação é abandonar aquela via de raciocínio e voltar atrás, i. e., ao ponto do percurso anterior a terem enveredado pela interpretação errada.

Tal como as digressões, também o erro encerra em si uma forte componente pedagógica. Ele ensina a chegar ao verdadeiro conhecimento, pois revela o que não se deve fazer. Ao longo do diálogo, professor e aluno são diversas vezes confrontados com o que poderemos chamar, então, de “erro didáctico”. Veja-se a discussão que se segue ao longo mito cosmológico (ἡμάρτομεν, 274 e 2), de particular interesse neste aspecto, pois estabelece graus diferentes do erro (274 e 4-275 a 6). Há um ‘erro menor’ (ἀμάρτημα... βραχυτέρον) e um ‘erro muito maior e mais grave’ (ἀμάρτημα... πολλῶ μείζον καὶ πλέον)¹⁶. A consequência imediata da detecção do erro é obrigar a retroceder na argumentação (πάλιν ἐπανέλθωμεν, 275 c 9), até ao ponto em que atribuíram à ‘arte de dirigir seres vivos’ o nome ‘criação em rebanho’ (261 c-d). Trata-se, no entanto, como o próprio

¹⁶ O erro maior e mais grave resultou de pensar que esse paradigma se aplicava ao tempo em que viviam (na verdade só podia retratar o rei da Era de Cronos, de natureza divina, não um mortal, como sucede no tempo presente), o erro menor (cf. διὸ καὶ βραχυτέρον... ἡμαρτήκαμεν, 275 a 6) consistiu em esse modelo servir apenas para fazer um retrato do governante e não do modo como governava.

mestre refere, de um erro de nomenclatura, cometido pelos dois (δημαρτόνομεν, 275 d 4).

Assim que detectam um erro, devem corrigi-lo (ἐπανορθούμενοι, 276 e 6), como esclareceu a propósito de um outro erro, cometido anteriormente (τὸ πρότερον ἀμαρτάνοντες, 276 e 1), e que foi não dividirem a ‘arte de cuidar de seres humanos’ em ‘arte do rei’ e ‘arte do tirano’. Para completar o levantamento das ocorrências do tema do *hamartema* falta apenas lembrar o passo em que o Estrangeiro aponta como erro (ἀμάρτημα, 297 d 1) a ideia corrente entre os Gregos do seu tempo de que as melhores formas de regime são aquelas em que a lei é soberana.

Apesar de compreendermos a funcionalidade didáctica do erro, não podemos deixar de considerar que tantos avanços e recuos poderiam provocar no jovem aluno algum desânimo. Este, a meu ver, pode ser atenuado pelos elogios que, como assinalámos *supra*, o mestre lhe vai tecendo. Considero, por conseguinte, que, graças ao efeito de elevação da auto-estima, provocado pelo elogio, este pode ser entendido como um mecanismo de compensação do erro. Em suma, o elogio funciona como estímulo impulsionador da aprendizagem.

Em jeito de observações finais, podemos referir que Platão torna claro, também no seu *Político*, os métodos e trabalho intelectual esforçado subjacente à *paideia* filosófica. É uma mensagem que sub-repticiamente o leitor detecta no relacionamento mestre-discípulo das personagens do diálogo e na própria dinâmica de avanços e recuos impressa ao evoluir da acção. Uma vez mais, por detrás da máscara dos mestres criados por Platão, descobrimos a própria faceta de mestre do fundador da Academia. Volvidos vinte e quatro séculos, continuamos, nos papéis diversos de docentes, alunos e investigadores, a perceber a actualidade da experiência pedagógica apresentada na obra filosófica considerada.

BIBLIOGRAFIA

- Agamben, G. (2002), *L'Aperto. L'uomo e l'animale*, Torino, trad. port. *O Aberto. O homem e o animal*, Lisboa.
- Alican, Necip F. (2012), *Rethinking Plato: A Cartesian Quest for the Real Plato*, Amsterdam – New York.
- Annas, J. (2012), *Platão*, Porto Alegre.
- Aristotle (1990), *Politics*, Trad. H. Rackham, Cambridge.
- Arnett, J. J. (2004), *Emerging Adulthood: The Winding Road from the Late Teens through the Twenties*, Oxford.
- Ávila, A. (2009), “Posfácio”, in Nunes, B., *O dorso do tigre*. São Paulo.
- Azevedo, M. T. S. (2010), “Introdução”, in *Platão. O banquete*, tradução M. T. S. de Azevedo, Lisboa.
- Bailly, A. (2000), *Dictionnaire Grec-Français*, Paris.
- Bambrough, J. (1956), “Plato’s Political Analogies”, in P. Laslett (ed.), *Philosophy, Politics and Society*, Oxford, 98-115; in J. Bambrough (ed.) (1967), *Plato, Popper and Politics – Some Contributions to a Modern Controversy*, Cambridge, 152-169.
- Barra, G. (1966), “La questione dell’autenticità del “De Platone et eius dogmate” e del “De mundo” di Apuleio”, *Rendiconti della Accad. di Archeologia, Lettere e Belle Arti, Napoli* 41: 127-188.
- Barros, G (1996), *As Olimpíadas na Grécia Antiga*, São Paulo.
- Beierwaltes, W. (1966/67), “Εξάφνης oder die Paradoxie des Augenblicks,” *PhJ* lxxiv: 271-282.
- Beierwaltes, W. (2001, 2. korrigierte Auflage), “Dionysios Areopagites – ein christlicher Proklos?“, in *Platonismus im Christentum*, Frankfurt am Main, 44-84.
- Bellini, E. (2010), “Saggio introduttivo”, in P. Scazzoso (trad.), *Dionigi Areopagita. Tutte le opere*, Milano, 31-73.
- Benjamin, W. (1984), *Origem do drama barroco alemão*, tradução S. P. Rouanet, São Paulo.
- Bernabé, A. (1995), “Una etimología platónica: soma-sema”, *Philologus* 139: 204-237.
- Bernadete, S. (2000), *On Plato’s Symposium*, in *The argument of the action: essays on Greek poetry and philosophy*, Chicago.
- Bernadete, S. (2000), *Plato’s “Laws”: The Discovery of Being*, Chicago and London.
- Beutler, R. (1939) “Olympiodoros” (13), *RE* 18.1: 207-228.

- Blanc, M. F. (2002), “Henologia e Constituição Espiritual do Princípio”, *Philosophica* 19/20: 311-342.
- Boas, G. (1948), “Fact and Legend in the Biography of Plato”, *PhR* 57.5: 439-457.
- Boulenger, F. 1935 = *Basil. Aux jeunes gens sur la manière de tirer profit des lettres helléniques*. Texte établi et traduit par l’abbé Fernand Boulenger. Paris, Société d’édition “Les Belles Lettres”, 1935.
- Bowe, P. (2011), “Civic and other Public Planting in ancient Greece”, *Studies in the History of Gardens & Designed Landscapes: An International Quarterly* 31.4: 269-285.
- Boyancé, P. (1972), *Le culte des muses chez les philosophes grecs : études d’histoire et de psychologie religieuses*, E. de Boccard, Paris.
- Brisson, L. (1992), “Diogène Laërce, Vies et doctrines des philosophes illustres, Le livre III”, *Aufstieg und Niedergang der römischen Welt* II, 36, 5: 3624.
- Brisson, L. (2000), “La lettre VII de Platon, une autobiographie?”, in L. Brisson, *Lectures de Platon*, Paris.
- Brisson, L., Pradeau, J.-F. (2003), *Platon. Le Politique*, Paris.
- Burges, G. (Ed.) (1876), “Apuleius. De Platone”, in *Plato. The Works of Plato*, vol. VI. London.
- Burnet, J. (1907), *Platonis Opera. Tomus V, tetralogiam IX, Definitiones et spuria continens*. Oxford.
- Burnet, J. (1914), *Greek Philosophy. Part I, Thales to Plato*, Macmillan, London.
- Cacciari, M. (1994), *Geofilosofia dell’Europa*, Adelphi, Milão.
- Cambiano, G. (1994), “Tornar-se Homem”, in J.P. Vernant (dir.), *O Homem Grego*, Lisboa.
- Caruso, A. (2013), *Akademia. Archeologia di una scuola filosofica ad Atena da Platone a Proclo (387aC – 485dC)*, Scuola Archeologica Italiana di Atene. Pandemos, Atene-Paestum.
- Carvalho, M. (2007), *Imagem e dissolução: entre as Investigações e Da certeza*, Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo.
- Carvalho, M. S. (1996), “Pseudo-Dionísio Areopagita. Teologia Mística. Versão do grego e estudo complementar”, *Mediævalia* 10: 1-125.
- Casadesús, F. (2008), “Orfeo y el orfismo en Platón”, in A. Bernabé y F. Casadesús (eds.), *Orfeo y la tradición órfica*, Madrid, 1239-1279.
- Castro, T. N. (2014), *O pensamento estético de Pseudo-Dionísio Areopagita em Dos Nomes Divinos IV, 7. Subsídios para um estudo e tradução*. Lisboa.

- Cavell, S. (1999). *The Claim of Reason: Wittgenstein, Skepticism, Morality, and Tragedy*, Oxford University Press, New York.
- Chantraine, P. (2009), *Dictionnaire Étymologique de la Langue Grecque – Histoire des Mots*, Paris.
- Chauí, M (2002), *Introdução à História da Filosofia: Dos Pré-Socráticos a Aristóteles*, São Paulo.
- Cherniss, H. (1945), *The Riddle of the Early Academy*, University of California Press, Berkeley.
- Clark, R. B. (2000) “Platonic Love in a Colorado Courtroom: Martha Nussbaum, John Finnis, and Plato’s Laws in *Evans v. Romer*”, *Yale Journal of Law & the Humanities* 12.1: art. 1 [disponível em <<http://digitalcommons.law.yale.edu/yjhl/vol12/iss1/1>>].
- Colli, G. (2007), *Platone político*, Milano.
- Cornelli, G. (2011), *O pitagorismo como categoria historiográfica*, Annablume Classica/Classica Digitalia, São Paulo/Coimbra.
- Cornford, F. M. (1969), *Plato and Parmenides*, London.
- Corsini, E. (1962), *Il trattato De Divinis Nominibus dello Pseudo-Dionigi e i commenti neoplatonici al Parmenide*, Torino.
- Costa, G. G. (2013), “A escrita filosófica e o drama do conhecimento em Platão”, *Archai* 11 (jul-dez 2013), 33-46.
- Coulet, C (1996), *Communiquer em Grèce Ancienne*, Paris.
- Coutinho, E. F. (2013), *Grande sertão: veredas*, Travessias, São Paulo.
- Cuchet, V.S. (2011), *100 fiches d’histoire grecque*, Paris.
- Deane, Ph. (1973), “Stylometrics do not exclude the seventh letter”, *Mind* 82: 113-117.
- des Places, É. (1975, 3ª ed.), *Platon. Oeuvres Complètes, Tome XI [II]: Les Lois, Livres III-VI* (edição, tradução e notas), Paris.
- des Places, É. (1976, 3ª ed.), *Platon. Oeuvres Complètes, Tome XI [I]: Les Lois, Livres I-II* (edição, tradução e notas), Paris.
- Diès, A. (1956), *Platon. Oeuvres Complètes, Tome XII [II]: Les Lois, Livres XI-XII* (edição, tradução e notas) + *Epinomis* (edição, tradução e notas de É. des Places), Paris.
- Diès, A. (1976, 2ª ed.), *Platon. Oeuvres Complètes, Tome XII [I]: Les Lois, Livres VII-X* (edição, tradução e notas), Paris.
- Dillon, J. (2003), *The Heirs of Plato: A Study of the Old Academy (347-274 BC)*, Oxford University Press, Oxford.
- Diogenes Laertius = Dorandi, T. (ed.)(2013), *Lives of eminent philosophers*, Cambridge University Press, Cambridge.

- Dixsaut 1991 = *Platon. Phédon*. Traduction nouvelle, introduction et notes de Monique Dixsaut. Paris: Flammarion, 1991.
- Dodds, E. R. (1928), "The *Parmenides* of Plato and the Origin of the Neoplatonic 'One'", *CQ* 22.3/4: 129-142.
- Dodds, E. R. (1963, 2nd ed.), "The Unknown God in Neoplatonism", in E. R. Dodds (ed.), *Proclus. The Elements of Theology*, Oxford, 310-313.
- Duke, E. A., Hicken, W. F., Nicoll, W. S. M., Robinson, D. B., Strachan, J. C. G. (eds.) (1995), *Platonis Opera. Tomus I. Euthyphro, Apologia, Crito, Phaedo, Cratylus, Theaetetus, Sophista, Politikon*. Oxford.
- Düring, I. (1957), *Aristotle in the Ancient Biographical Tradition*, Elanders, Göteborg.
- Eyben, E. (1996), 'Children in Plutarch', in L. Van der Stockt (ed.), *A Miscellany of Plutarquia Lovaniensia. Essays on Plutarch, Studia Hellenistica* 20, Lovanii, 79-112.
- Ferrari, F. (2012), "Tra metafisica e oralità. Il Platone di Tubinga", in A. Neschke-Hentschke, M. Erler (Hgg.) *Argumenta in dialogos Platonis. Teil 2: Platoninterpretation und ihre Hermeneutik vom 19. bis zum 21. Jahrhundert*, Basel, Swabe, 361-392.
- Ferrari, G. R. F. (1987), *Listening to the Cicadas: A study of Plato's Phaedrus*, Cambridge.
- Ferrari, G. R. F. (1992), "Platonic love", in R. Kraut, *The Cambridge companion to Plato*, Cambridge.
- Ferreira, J. R. (2009), "Introdução", in *Platão. Fedro*, Lisboa.
- Festugière, A.-J. (1969), "L'Ordre de lecture des dialogues de Platon aux V^e/VI^e siècles," *MH* 26: 281-96.
- Festugière, A.-J. (1981), *La Révélation d'Hermès Trismégiste. IV. Le dieu inconnu et la gnose*, Paris.
- Feyerabend, P. (2001), *Diálogos sobre o Conhecimento*, Perspectiva, São Paulo.
- Field, G. C. (1930), *Plato and His Contemporaries*, E. P. Dutton & Co, New York.
- France, Y. (1995), "Métrétique, mathématique et dialectique en Politique 283 c-285 c", in C. J. Rowe (ed.), *Reading the Statesman. Proceedings of the III Symposium Platonicum. International Plato Studies 4*, Sankt Augustin, Akademie Verlag, 89-101.
- Friedländer, P. (1958), *Plato I: An Introduction*, New York.
- Friedländer, P. (1969), *Plato [III]. The dialogues: second and third periods*, Princeton.
- Gagnebin, J.-M. (2006), *Lembrar escrever esquecer*, Ed. 34, São Paulo.
- Gersh, S. (1978), *From Iamblichus to Eriugena: An Investigation of the Prehistory*

and Evolution of the Pseudo-Dionysian Tradition, Leiden.

- Giannantoni, G. (Cura di) (1986), *Diogene Laerzio storico del pensiero antico*, Elenchos 7, Napoli.
- Gigante, M. (Cura di) (1991), *Diogene Laerzio. Vite dei Filosofi*, Roma-Bari.
- Glucker, J. (1978) *Antiochus and the Late Academy*. Goettingen, Vanderhoeck & Ruprecht.
- Golden, M. (1990), *Children and Childhood in Classical Athens*, Baltimore and London.
- Golden, M. (1998), *Sport and Society in Ancient Greece*, Cambridge.
- Golitzin, A. (1994), *Et introibo ad altare Dei: The Mystagogy of Dionysius Areopagita*, Thessalonica.
- Golitzin, A. (2001), "Revisiting the 'Sudden': Epistle III in the *Corpus Dionysiaca*", *Studia Patristica* 37: 125-153.
- Golitzin, A. (2013), *Mystagogy: A Monastic Reading of Dionysius Areopagita*, Collegeville.
- Gomperz, T. (2000), *Pensadores Griegos*, t.II. Trad. C.G. Korner, J.R. Bumantel, Pedro von Haselberg, E. Prieto, Barcelona.
- Greene, W. Ch. (1938), *Scholia Platonica*, Haverford, Pennsylvania.
- Guthrie, W.K.C (1975), *A history of Greek Philosophy. Vol. 4: Plato, the Man and his Dialogues: earlier Period*, Cambridge University Press, Cambridge.
- Guthrie, W.K.C (1978), *A History of Greek philosophy. Vol. 5: The Later Plato and the Academy*, Cambridge University Press, Cambridge.
- Guthrie, W.K.C. (1975), *A History of Greek Philosophy, v.IV*, Univ. Press, Cambridge.
- Haarscher, G. (1987), *Philosophie des Droits de l'Homme, Bruxelles, trad. port. A Filosofia dos Direitos do Homem*, Lisboa (1997).
- Hackforth, R. (1952), *Plato's Phaedrus, Translated with Introduction and Commentary*, Cambridge.
- Hadot, P. (1968), *Porphyre et Victorinus, I*, Paris.
- Harlow, M., Laurence, R. (2002), *Growing up and Growing old in Ancient Rome. A life approach*, London and New York.
- Hathaway, R. F. (1969), *Hierarchy and the Definition of Order in the Letters of Pseudo-Dionysius. A Study in the Form and meaning of the Pseudo-Dionysian Writings*, The Hague.
- Havlíček, A. & Karfík, F. (ed.) (2005), *Plato's Parmenides. Proceedings of the Fourth Symposium Platonicum Pragense*, Prague.
- Heil, G. & Ritter, A. M. (hrsg.) (1991), *Pseudo-Dionysius Areopagita. Corpus Dionysiaca I. De Coelesti Hierarchia. De Ecclesiastica Hierarchia. De Mystica Theologia. Epistulae*, Berlin.

- Heinze, R. (1965, 2ª ed.), *Xenokrates*, Heildesheim.
- Hicks, R.D. (Ed.) (1925), *Diogenes Laertius. Lives of Eminent Philosophers*, I- II, Cambridge- London.
- Hoernlé, R. (1938), “Would Plato have Approved of the National-Socialist State?”, *Philosophy* 13, 166-182; in J. Bambrough (ed.) (1967), *Plato, Popper and Politics – Some Contributions to a Modern Controversy*, Cambridge, 20-36.
- Holanda, L.S.B. (2013), “Mímesis e Utopia na República de Platão”, *Kleos: Revista de Filosofia Antiga* 16 e 17: 69-80.
- Isnardi Parente 1997 = *Testimonia platonica: per una raccolta dei principali passi della tradizione indiretta riguardante i legòmena angrafa dogmata : le testimonianze di Aristotele. A cura di Isnardi Parente, Margherita*. Roma, Accademia nazionale dei Lincei.
- Isnardi-Parente, M. (1980), *Speusippo, Edizione, traduzione e commento a cura di*. Bibliópolis, Napoli.
- Jackson, R., Lycos, K., Tarrant, H. (Ed.) (1998), *Olympiodorus Commentary on Plato's Gorgias*, Translated with full notes. Introd. Harold. Tarrant. (Philosophia Antiqua. 78), Leiden.
- Jaeger, W. (1923), *Aristoteles. Grundlinien einer Geschichte seiner Entwicklung*, Berlin.
- Jaeger, W. (2001), *Paidéia: A Formação do Homem Grego*, São Paulo.
- Jones, P.V. (2007), *O Mundo de Atenas*, São Paulo.
- Gaiser, K. (1980), “Plato's Enigmatic Lecture 'On the Good', *Phronesis* 25: 5-37.
- Kaibel, G. 1887 = *Athenaei Naucraticae Deipnosophistarum Libri xv. 3 vols*. Ed. Kaibel, G. In aedibus E. B. Teubneri, 1887.
- Koselleck, R. (1992), “Uma história dos conceitos”, *Estudos Históricos* 10: 134-146.
- Kraemer, H. J. (1959), *Arete bei Platon und Aristoteles : zum Wesen und zur Geschichte der platonischen Ontologie*, C. Winter, Heidelberg.
- Kraemer, H. J. (1964), “Retraktationen zum Problem des esoterischen Plato”, *Museum Helveticum* 21, 137-166, 1-2:1887; 3:1890, Repr. 1-2:1965; 3:1966.
- Kyle, D.G. (2007), *Sport and Spectacle in the Ancient World*, Malden/Oxford.
- Leão, D.F., Ferreira, J.R., Fialho, M.C. (2010), *Cidadania e Paideia na Grécia Antiga*, Coimbra.
- Leão, D., Cornelli, G., Peixoto, M. (Orgs.) (2013), *Dos homens e suas ideias: estudos sobre as “Vidas” de Diógenes Laércio*, Coimbra.
- Ledger, G. R. (1989), *Re-counting Plato: a Computer Analysis of Plato's Style*, Oxford.

- Lespinas, A. (2004), *Douze Siècles de Jeux à Olympie: De 776 avant J.-C à après J.-C.*, Paris.
- Lessa, F.S. (2003), “Corpo e cidadania em Atenas Clássica”, in N. Theml, R.M.C Bustamante, F.S. Lessa, (org.), *Olhares do Corpo*, Rio de Janeiro, 48-55.
- Lessa, F.S. (2005), “Atividades esportivas nas imagens áticas”, *Phoinix* 11: 57-70.
- Lessa, F.S. (2008), “Esporte na Grécia Antiga: Um balanço conceitual e historiográfico”, *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* 439: 85-99.
- Levison, M., Morton, A. Q., Winspear, A. D. (1968), “The Seventh Letter of Plato”, *Mind* 77 N.S.:307: 309-325.
- Levison, S. C. (1983), *Pragmatics*, Cambridge University Press, Cambridge.
- Lilla, S. (1982), “Introduzione allo studio dello ps. Dionigi l’Areopagita”, *Augustinianum* 22: 533-54.
- Lilla, S. (1997), “Pseudo-Denys l’Aréopagite, Porphyre, et Damascius”, in Y. de Andia (ed.), *Denys l’Aréopagite et sa postérité en Orient et en Occident*, Paris, 117-152.
- Lilla, S. (2005), *Dionigi l’Areopagita e il platonismo cristiano*, Brescia.
- Luna, C., Segonds, A.-P. (ed.)(2007), *Proclus, Commentaire sur le Parménide de Platon*. Tome I. 1^{er} partie. Introduction générale, Paris.
- Lynch, J. P. (1972), *Aristotle’s School: A Study of a Greek Educational Institution*, University of California Press, Berkeley.
- Maire, G. (1966), *Platon*, France, trad. port. Platão, Lisboa (2002).
- Marques, M. (2009), “A dignidade humana como prius axiomático”, in *Estudos em Homenagem ao Prof. Doutor Jorge de Figueiredo Dias, vol. IV*, Coimbra, 541-567.
- Marrou, H.-I. (1990), *História da Educação na Antiguidade*, São Paulo.
- Martin, G. (1973), *Platons Ideenlehre*, New York-Berlin.
- McCabe, M. M. (2011), “A forma e os diálogos platônicos”, in H. Benson, *Platão Artmed*, Porto Alegre, 52-65.
- Mekler, S. (1902), *Academicorum philosophorum Index Herculaneensis*, Berlin.
- Mesyats, S. (2012), “Iamblichus’ Exegesis of Parmenides’ Hypotheses and His Doctrine of Divine Henads”, in E. Afonasin, J. Dillon & J. F. Finamore (eds.), *Iamblichus and the Foundations of Late Platonism*, Leiden.
- Miller, M. (2004), *The Philosopher in Plato’s Statesman. Together with Dialectical Education and Unwritten Teachings in Plato’s Statesman*, Las Vegas.
- Milton, J. (1644), *Areopagitica; A Speech of Mr. John Milton For the Liberty of Unlicenc’d Printing, To the Parliament of England, London*; trad. port. *Areopagítica: discurso sobre a liberdade de expressão*, Coimbra (2009).

- Moncada, L. (1948), “Platão e o «Estado de Direito»”, *Boletim da Faculdade de Direito – Universidade de Coimbra XXXIII*; in *Estudos de Filosofia do Direito e do Estado*, vol. II, Lisboa (2004), 235-240.
- Monserrat Molas, J. (1999), *El polític de Plató. La gràcia de la mesura*, Barcelona.
- Monserrat Molas, J. (2003) “La mesure comme principe constitutive du Politique de Platon”, *Revue de philosophie ancienne* 21: 3-22.
- Moreschini, C. (1978), *Apuleio e il Platonismo*, Acc. Toscana di Scienze e Lettera, Firenze.
- Morrow, G. R., Dillon, J. M. (trans.)(1987), *Proclus' Commentary on Plato's Parmenides*, New Jersey.
- Morrow, G. R. (1960), *Plato's Cretan city. A historical interpretation of the Laws*, Princeton.
- Morrow, R. (1976), *Plato's Law of Slavery in its relation to Greek law*, New York.
- Mortley, R. (1986), *From Word to Silence. II. The way of negation*. Christian and Greek, Bonn.
- Mossé, Cl. (2004), *Dicionário da Civilização Grega*, Rio de Janeiro.
- Most, G. (1993) “A Cock for Asclepius”, *The Classical Quarterly* 43.1: 96-111.
- Motta, N. (2013). “Aristófanes: Nuvens”, *Cadernos de Tradução* 32, jan-jun:1-98.
- Nietzsche, F. (1999), *O caso Wagner: um problema para músicos / Nietzsche contra Wagner: dossiê de um psicólogo*, tradução P. C. de Souza, São Paulo.
- Notopoulos, J. A. (1940), “*Porphyry's Life of Plato*”, *CPh* 35.3: 284-293.
- Nunes, B. (2009), “O amor na obra de Guimarães Rosa”, in *O dorso do tigre*, São Paulo.
- Nussbaum, M. (2001), *The fragility of goodness: luck and ethics in Greek tragedy and philosophy*, Cambridge.
- O'Brien, D. (2006), “Life beyond the Stars: Aristotle, Plato and Empedocles”, en R. A. H. King (ed.), *Common to Body and Soul. Philosophical Approaches to Explaining Living Behaviour in Greco-Roman Antiquity*, Berlin, 49-102.
- Pangle, Th. L. (1988), *The Laws of Plato* (tradução, notas e estudo), Chicago/London.
- Parente, I. M. (2012), *Senocrate e Ermodoro. Testimonianze e frammenti*, Pisa.
- Penedos, Á. (1977), *O Pensamento Político de Platão – Volume I: Da Apologia de Sócrates ao Ménon*, Porto.
- Perl, E. (2010), “Pseudo-Dionysius the Areopagite”, in L. P. Gerson (ed.), *The Cambridge History of Philosophy in Late Antiquity, II*, Cambridge, 767-787.
- Platão (1980), “Leis”, in *Diálogos*. Trad. C.A. Nunes, Belém.
- Platão (1984), *The Laws*, Trad. R.G. Bury, London.

- Platão (1993), *A República*, Trad. M. H. da Rocha Pereira, Lisboa.
- Platão (2004), *Leis – Vol. I (Livros I-III)*, trad. de Gomes, C., Lisboa.
- Platão (2008 11ª ed.), *A República*, trad. de M. H. Rocha Pereira, Lisboa.
- Platão, *Laws – Vol. I (Books I-VI) and II (Books VII-XII)*, trad. de Bury, R. (1926), London [reed. 1961 (Vol. I.) e 1976 (Vol. II)].
- Platão (1980), *Lísis*, tradução F. de Oliveira, Coimbra.
- Platão (2009), *Fedro*, tradução J. R. Ferreira, Lisboa.
- Platão (2010), *O Banquete*, tradução M. T. S. de Azevedo, Lisboa.
- Platthy, J. (1990), *Plato: A Critical biography*, Santa Claus, IN.
- Plutarco (1990), *Le vite di Cimone e Lucullo*. A cura di Carlo Carena, Mario Manfredini e Luigi Piccirilli, Fondazione Lorenzo Valla, Milano, Mondadori.
- Popper, K. (1945), *The Open Society and its Enemies – Volume I: The Spell of Plato*, London.
- Rawson, B. (2003), *Children and Childhood in Roman Italy*, Oxford.
- Reale, G. (2002), *Corpo, Alma e Saúde: O conceito de homem de Homero a Platão*, São Paulo.
- Reale, G. (2010), “Il *Corpus Dionysiacum* e i grandi problem che suscita per la sua interpretazione”, in P. Scazzoso (trad.), *Dionigi Areopagita. Tutte le opere*, Milano, 9-29.
- Reeve, C. D. E. (2006), “Plato on eros and friendship”, in H. A Benson, *Companion to Plato*, Oxford.
- Riginos, A. S. (1976), *Platonica: The Anecdotes concerning the Life and Writings of Plato*, Leiden.
- Rist, J. M. (1962), “The Neoplatonic One and Plato’s *Parmenides*”, *TAPhA* 93: 389-401.
- Rodrigues, J.C. (1975), *Tabu do Corpo*, Rio de Janeiro.
- Román, G. F. (2007), “La Carta VII. La autobiografía de Platón y su método”, *Eikasias. Revista de Filosofia* 12 Extraord. I: 163-183.
- Roques, R. (1954), *L’univers dionysien. Structure hiérarchique du monde selon le pseudo-Denys*, Aubier.
- Rosa, G. (1994), “Grande sertão: veredas”, in *Ficção completa*, Rio de Janeiro.
- Rosen, S. (2005), *Plato’s Republic: a study*, Yale University Press, New Haven & Londres.
- Ross, W. D. (1951), *Plato’s Theory of Ideas*, Clarendon Press, Oxford.
- Rowe 1993 = *Plato. Phaedo*, Ed. C.J. Rowe, *Cambridge Greek and Latin Classics*, University Press, Cambridge.

- Rowe, C. J. (1999), *Plato. Statesman, Translated with an introduction*, Indianapolis.
- Rowe, Ch. (2009), “The charioteer and his horses: an example of Platonic myth-making” in C. Pertenie (ed.), *Plato's Myths*, Cambridge.
- Russell, B. (1945), *History of Western Philosophy*, London.
- Russell, B. (1950) “Philosophy and Politics”, in *Unpopular Essays*, London, 9-34; in J. Bambrough (ed.) (1967), *Plato, Popper and Politics – Some Contributions to a Modern Controversy*, Cambridge, 109-134.
- Saffrey H. -D. (1968) “Αγεωμέτρητος μηδεις εσίτω. Une inscription légendaire.”, *Revue des Études Grecques*, 81, fascicule 384-385, Janvier-juin: 67-87.
- Saffrey, H. D., Westerink, L. G. (1968), “L'exégèse des hypothèses du *Parménide*”, in H. D. Saffrey, L. G. Westerink (éd.), *Proclus. Théologie Platonicienne, Livre I*, Paris, lxxv-lxxxix.
- Saffrey, H. D. (1968), “Le Philosophe de Rhodes est-il Théodore d'Asiné? Sur un point obscur de l'histoire de l'exégèse néoplatonicienne du *Parménide*”, in E. Lucchesi, H. D. Saffrey (éd.), *Mémorial André-Jean Festugière: Antiquité païenne et chrétienne*, Genève, 65-76.
- Sanders, L. J. (2008), *The Legend of Dion*, Toronto.
- Sandy, Gerald. (1997), “The Greek World of Apuleius: Apuleius and the Second Sophistic”, *Mnemosyne Supplement* 174: 242-250.
- Santa, G. (2010), *Understanding Plato's Republic*, Malaysia.
- Sartre, M. (2013), “Virilidades gregas”, in A. Corbin, J-J Courtine, G. Vigarello (dir.), *História da Virilidade*, Petrópolis, RJ, 17-70.
- Schäfer, C. (2006), *The Philosophy of Dionysius the Areopagite. An introduction to the structure and the content of the treatise On the divine names*, Leiden.
- Schiappa 2000 = *Platão. Fédon*. Introdução, tradução e notas por Maria Teresa Nogueira Schiappa de Azevedo, Editora da Universidade de Brasília, Brasília.
- Schofield, M. (2000), “Plato and Practical Politics”, in M. Schofield e C. Rowe (ed.), *The Cambridge History of Greek and Roman Political Thought*, Cambridge.
- Schwartz, E. (ed.) (1914), *Acta Conciliorum Oecumenicorum*, Berlin.
- Sheldon-Williams, I. P. (1979), “The pseudo-Dionysius”, in A. H. Armstrong (ed.), *The Cambridge History of Later Greek and Early Medieval Philosophy*, Cambridge, 457-472.
- Sinclair, T.A. (1967), *A History of Greek Political Thought*, London.
- Soares, C. (2008), *Platão. O Político*, Tradução do grego, introdução e notas. Lisboa.
- Soares, C. (2011), *Crianças e Jovens nas Vidas de Plutarco*, Coimbra.
- Sperber, S. F. (2006), “As palavras de chumbo e as palavras aladas”, *Floema*, Ano

- II, 3, jan./jun.: 137-157.
- Steel, C. (ed.) (2009), *Procli. In Platonis Parmenidem Commentaria*, Tomus III, Libros VI-VII et indices continens, Oxonii.
- Strauss, L. (1975), *The argument and the action of Plato's Laws*, Chicago/London.
- Suidae Lexicon = Reimeri, G. (1854), *Suidae Lexicon. Ex recognitione Immanuelis Bekkeri*. Berolini.
- Szondi, P. (2004), *Ensaio sobre o trágico*, tradução P. Süsskind, Rio de Janeiro.
- Tarán, L. (1978) "Speusippus and Aristotle on Homonymy and Synonymy", *Hermes* 106:73-99.
- Taran, L. (1981), *Speusippus of Athens: A Critical Study With a Collection of the Related Texts and Commentary*, Leiden.
- Taylor, A. E. (1960), *Plato : the Man and his Work*, London, Methuen.
- Thom, J. (2013). "The Pythagorean Akousmata and Early Pythagoreanism", in G. Cornelli, R. McKirahan, C. Macris (eds.), *On Pythagoreanism*, De Gruyter, Berlin/Boston, 77-102.
- Trabattoni 2011 = *Platone, Fedone*. A cura di F. Trabattoni. Traduzione di S. Martinelli Tempesta, Torino, Einaudi.
- Trabattoni, F. (2010), *Platão*, tradução R. Quinalia, São Paulo.
- Travlos, J. (1971), *Pictorial Dictionary of Ancient Athens*, Princeton.
- Unger, E. (1949), "Contemporary Anti-Platonism", *The Cambridge Journal*, 643-659; in J. Bambrough (ed.) (1967), *Plato, Popper and Politics – Some Contributions to a Modern Controversy*, Cambridge, 91-107.
- Vanoyeke, V. (1992), *La Naissance des Jeux Olympiques e le Sport dans l'Antiquité*, Paris.
- von Ivánka, E. (1940), "Der Aufbau der Schrift 'De Divinis Nominibus' des Ps.-Dionysius", *Scholastik* 15: 386-99.
- von Ivánka, E. (1964), *Plato Christianus: Übernahme und Umgestaltung des Platonismus durch die Väter*, Einsiedeln.
- Wear, S. K. & Dillon, J. (2007), *Dionysius the Areopagite and the Neoplatonist Tradition. Despoiling the Hellenes*, Hampshire.
- Wear, S. K. (2011), *The Teachings of Syrianus on Plato's Timaeus and Parmenides*, Leiden.
- Westerink, L. G. (Ed.) (1956), *Olympiodorus. Platonis Alcibiadem commentarii. Commentary on the First Alcibiades of Plato / Olympiodorus*, Amsterdam.
- Westerink, L. G. (Ed.) (1962), *Prolegomena Philosophiae Platonicae. Anonymous Prolegomena to Platonic Philosophy. Sometimes Wrongly Attributed to Olympiodorus*, Amsterdam.
- Westermann, A. (1845), *Biographoi; vitarum scriptores graeci minores*, Brunsvigae.

Bibliografía

- Wilamowitz-Moellendorff, U. von 1881 = *Antigonos von Karystos*, Wilamowitz-Moellendorff, Ulrich von. Berlin, Weidmannsche Buchhandlung.
- Wilson (1997), *Aelian. Historical Miscellany*, edited and translated by N.G. Wilson. Cambridge, MA/London, Harvard University Press.
- Windelband, W. (1955), *Historia de la Filosofía Antigua*, Trad. J. Rovira Armengol, Buenos Aires.
- Wodd, E.M. (2011), *De ciudadanos a señores feudales: Historia social del pensamiento político desde la Antigüedad a la Edad Media*. Madrid.
- Zeller, E. (1876), *Plato and the Older Academy*, Transl. Sarah F. Alleyne and A. Goodwin, London.